

Uma força que ninguém pode parar

ALUNOS ESTRANGEIROS

Dayana Couto, 18 anos e Ricardo Ribeiro, 16 anos nasceram na Venezuela, são filhos de emigrantes portugueses. Svetlana e Irina Husyeva, 15 e 22 anos vieram da Lituânia com os pais à procura de melhores condições de vida. L e Y, 17 anos nasceram na China. Na edição de Março de 2004, A PÁGINA mostrava as dificuldades de adaptação à escola portuguesa dos alunos estrangeiros, filhos imigrantes ou de emigrantes portugueses. Um ano depois fomos à procura desses jovens. Quisemos saber sobre o seu percurso escolar, as mudanças nas suas vidas e o modo como perspectivam o futuro. Contamos também a história de Olga Popova, 20 anos e Dimitri Kuchmenko, 13 anos oriundos da Ucrânia. Porque as dificuldades que uns ultrapassaram continuam a ser um problema para outros.

Frequenta, pela segunda vez, o 12º ano do curso geral Científico Natural. Está há dois anos e meio em Portugal. Mas o seu domínio insuficiente do português não lhe permite a compreensão das matérias e o sucesso nos testes. Olga Popova tem 20 anos e é com alguma tristeza que fala da sua situação de aluna estrangeira na Escola de 3º ciclo e Secundária Garcia de Orta, no Porto.

‘Repetir o ano é algo que não acontece na Ucrânia’, apressasse a dizer justificando assim a sua insatisfação. Por isso Olga nem quer pensar na eventualidade de chumbar de novo. ‘Na Ucrânia, se o aluno tem uma nota negativa o problema é dele’, diz procurando esclarecer algumas das diferenças entre os sistemas de ensino.

Não havendo retenções um aluno ucraniano pode acumular notas negativas durante o seu percurso escolar. O único senão virá a quando da candidatura ao ensino superior. Sem dominar a matéria aprendida nos ciclos anteriores o candidato pode não conseguir realizar as provas pedidas pela faculdade a que deseja ter acesso. Uma situação considerada ‘uma vergonha’. Quando isso acontece, o aluno tem de ‘ficar em casa a estudar durante um ano’, até que abram novamente as candidaturas.

Apesar de ter completado a totalidade do ensino secundário na Ucrânia este não vai além do 11º ano. Um facto que terá pesado quando da realização do processo de equivalências para a sua integração no 12º ano. Recorde-se que a legislação em vigor, sobre esta matéria, determina a obrigatoriedade de frequência a todas as disciplinas leccionadas no grau de ensino a que o aluno estrangeiro consegue a equivalência, ainda que o domínio do idioma português não possibilite a sua compreensão.

Por ter sido ‘obrigada’ a frequentar o que para si representa um ‘ano extra’ de ensino secundário, Olga mostra-se bastante indignada pois já percebeu que a situação vai contribuir para ‘baixar muito a média de 13 valores’, conseguida na Ucrânia. E também comprometer a sua candidatura à universidade.

Outro dos problemas com que se deparou Olga foi a necessidade de optar por um agrupamento. A escolha do curso Científico Natural aconteceu um pouco por exclusão das áreas onde a aluna considerou ser ‘mais essencial’ o domínio do português. Além disso, no sistema de ensino ucraniano não existe diferenciação curricular até ao ingresso no ensino superior, altura em que cada aluno escolhe o curso a realizar. Olga não sabe muito bem que profissão gostaria de ter. Não ousa sonhar com nada.

Pela ordem escolar das coisas, se Olga tivesse permanecido no seu país de origem, aos 20 anos, estaria provavelmente no terceiro ano do ensino superior. Dependendo da área escolhida poderia até no limite estar a terminar a sua licenciatura. A pensar nisto a aluna confessa sentir-se ‘velha de mais’ para ainda frequentar o ensino secundário: ‘Se tivesse 15 ou 16 anos não me preocuparia, mas assim...’ A angústia que sente é grande. A dos seus professores também.

‘Um presente envenenado’

Manuela Vale é professora de Português de Olga e considera a sua situação ‘grave’ pelo simples facto de a aluna não dominar o suficiente o idioma para a compreensão dos textos estudados nas aulas. Apesar das dificuldades a aluna assiste às aulas. ‘Não percebo como ela tem coragem’, desabafa a professora.

A mesma angústia no comentário de Manuela Cunha: ‘O Ministério da Educação dá a estes alunos um presente envenenado, ou seja, confere-lhes a equivalência e depois condena-os ao insucesso’, critica esta professora responsável pelo apoio de Português tanto a Olga, como a Dimitri Kuchmenko, 13 anos, também oriundo da Ucrânia, mas a frequentar o 7º ano.

Isabel Mota Pinto, professora da disciplina de Biologia de Olga, admite que a aluna tem conhecimentos da sua área, no entanto adverte: ‘É o pouco domínio do idioma que torna difícil a comunicação do que sabe, seja nas aulas seja nos testes’. Um problema de aparente fácil resolução, ‘bastaria que a aluna pudesse fazer durante um ano um curso intensivo de português básico aqui na escola’, não hesita em dizer Manuela Cunha. Outra das soluções avançadas seria a diminuição da carga horária dos alunos, sendo-lhes para isso retirada a obrigatoriedade de frequentar certas disciplinas onde o domínio do português fosse imprescindível.

?Esforço desumano?

Dimitri Kuchmenko, 13 anos, tem menos problemas no que toca ao domínio do idioma. Por ser ?mais novo e mais social?, assegura Isabel Igreja, professora de Português. Além disso, o 7º ano é apenas o início de um ciclo que terminará apenas no 9º ano.

Até ao fim da escolaridade básica, Manuela Cunha acredita que Dimitri ?dominará bem a língua e como tal não terá problemas em aprender os programas?. E apesar das dificuldades que sente, ?pelo esforço que faz na aprendizagem e os progressos que tem conseguido?, Rosa Vide, directora de turma, defende que o aluno transite de ano.

Em casa, Dimitri assegura que passa o serão ?a traduzir os livros e a estudar as matérias e a língua?. O esforço de Olga não será menor. Para poder pagar as explicações extra de Matemática, Olga trabalha nas limpezas três dias por semana. Tivesse mais dinheiro e gostaria de ter mais explicações. Sobretudo de Português. A aluna não ignora as suas dificuldades. E desabafa: ?Os alunos portugueses vão para casa e lêem a matéria que deram na aula, eu tenho de usar o dicionário antes de poder fazer o mesmo.?

A pensar no que diz ser um ?esforço desumano? a que Olga e Dimitri se submetem, com aulas de apoio na escola e trabalho intensivo em casa para terem sucesso, Alberto Santos Silva, psicólogo da escola, averiguou junto da Direcção Regional de Educação do Norte (DREN) sobre a possibilidade de colocar os alunos num currículo alternativo, pelo facto de apresentarem dificuldades de aprendizagem. Para espanto do psicólogo a resposta foi negativa. ?Quando são os burocratas a interpretar a lei ela é rígida?, critica insistindo na fórmula, por tantas vezes repetida, para a solução do problema: ?Um curso intensivo de português e frequência a aulas onde o domínio do idioma não tenha tanto impacto?.

Português, língua estrangeira

A implementação nos currículos nacionais da disciplina de Português como língua estrangeira, é uma das medidas que está a ser estudada por um grupo de trabalho ao nível do Ministério da Educação, adiantou à PÁGINA, Célia Pinho, responsável da DREN para esta matéria, contactada telefonicamente. Até ao fecho desta edição o ME não confirmou esta informação.

Entretanto, a DREN está à espera que lhe sejam comunicados os resultados de um levantamento da situação dos alunos estrangeiros que a Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular está a realizar nas escolas de todo o país. A haver mudanças ?espera-se que aconteçam o mais cedo possível?, diz Célia Pinho sem avançar com prazos concretos: ?Talvez não seja possível implementar as medidas que venham a ser adoptadas já no próximo ano lectivo?.

As escolhas de Sveta e Ricardo

Na Escola Secundária António Sérgio, em Gaia, reencontramos Svetlana Husyeva, 15 anos, e Ricardo Ribeiro, 16 anos. Lituânia e Venezuela, são os seus países de origem. Um ano passou e os jovens trazem no rosto uma expressão diferente, mais descontraída.

Svetlana, ou ?Sveta?, para os amigos, está agora no 10º ano em Ciências e Tecnologias. Os pais aconselharam-na na escolha. Pesou o facto de os médicos ?ganharem bem? e de não se conhecerem desempregados na profissão. O que já não acontecia na anterior área de preferência de Sveta, as Artes, em particular a Pintura.

Ricardo Ribeiro também mudou de ideias quanto à carreira a seguir. Ficou retido no 9º ano e para o acabar optou pela frequência de um curso de Formação Inicial de assistente administrativo. ?Era um curso um bocado mais fácil que os outros?, sorri, justificando a escolha. Ainda assim, esta não será a sua opção final. Ricardo pretende dedicar-se à cozinha e à pastelaria seguindo um curso profissional nessa área e deixando cair a ideia de enveredar pela arquitectura. Pensa desta forma poder ajudar o pai que, entretanto, comprou um café e faz planos de o ampliar para um restaurante.

Cristina Vilarinho, responsável pela área de alunos estrangeiros e membro do Conselho Executivo da escola, tem acompanhado o progresso dos dois alunos. A experiência diz-lhe que o aumento de alunos estrangeiros no sistema de ensino português não permite que se tomem apenas ?medidas de remedeio?, mas impõe uma ?política específica?. ?O número de horas de português proporcionado a estes alunos não é suficiente e mesmo assim ainda queremos que progridam em disciplinas onde é fundamental o idioma.? Da resolução desta equação depende o sucesso escolar destes alunos. E ela poderia passar, segundo Cristina Vilarinho, pela criação de um ?ano zero? onde o aluno se pudesse aplicar na aprendizagem do idioma. Até porque, constata a professora, ?não podemos confiar apenas na habilidade nem na inteligência dos alunos?. É preciso criar condições para a aprendizagem.

?Como uma força?

O despedimento da fábrica onde trabalhava foi o que de melhor podia ter acontecido na vida de Irina Husyeva, 22 anos. Com ele, a jovem pode inscrever-se no Instituto de Emprego e Formação Profissional e ingressar no curso de Técnico administrativo e informático de apoio à gestão. Sem ele, Irina continuaria a fazer gravatas, longe de voltar aos estudos e poder sonhar com a universidade.

Há um ano, Irina era o rosto do desalento, hoje está radiante. ?O curso não é uma garantia a 100% de que poderei continuar os estudos e ter um bom emprego, mas é um grande passo na melhoria da minha vida?. A sua vontade de chegar ao Ensino Superior levou-a a realizar quatro exames nacionais: Matemática, História, Direito e Filosofia. Quis testar as suas capacidades e tentar perceber em que área teria mais hipóteses de ser bem sucedida no Ensino Superior. ?Foi como uma força??. recorda Irina ao descrever a vontade que a fez estudar essas quatro disciplinas sozinha em casa com alguns livros requisitados da biblioteca da escola frequentada pela irmã, a nossa Sveta. ?Como uma força que ninguém pode parar??. interrompe Sveta, que assiste à conversa e decide intervir cantarolando o hino do Euro 2004 de

Nely Furtado. ?As notas não foram muito boas?, esclarece Irina? (risos). Mas a cantoria saiu afinada. Este ano Irina prepara-se para realizar o exame nacional de História do 12º ano. Quer tirar essa licenciatura, a mesma que possui o seu pai. Para tal irá candidatar-se como aluna externa na Escola Secundária António Sérgio, em Gaia. O processo passou por Cristina Vilarinho. Atendendo ao facto de Irina não ser portuguesa, a escola endereçou um pedido de autorização para o uso de dicionários bilingues, russo-português, ao Júri Nacional de Exames. ?Vamos fazer ainda outra advertência chamando a atenção do Júri para que não penalize a aluna por eventuais erros ortográficos?, conclui Vilarinho.

Também Dayana Couto, 18 anos, tem boas novidades para contar. Há um ano, fomos encontrar a irmã de Ricardo preocupada com as dificuldades causadas pelo seu fraco domínio do português, apesar de os dois serem filhos de portugueses regressados da Venezuela. Um senão que tem vindo a contornar. E que, diz Dayana, a fez demorar um ano a aprender o Código de Condução para fazer o exame. Não a impediu, porém, de passar para o 2º ano do curso de Turismo do Instituto Superior de Ciências Empresariais e Turismo. Deixou para trás apenas o Inglês. ?Pensei que não ia passar a tantas disciplinas?, confessa Dayana. ?Além disso, quando cheguei à faculdade os grupos de amigos já estavam formados?? A integração foi difícil. ?Mas agora está tudo a correr bem?, apressasse a dizer. Ainda assim a sua condição de ?estrangeira? já lhe trouxe um episódio menos bom. ?Fui procurar trabalho na Zara, perguntei se podia deixar o currículo e responderam-me que não aceitavam pessoas que não falassem correctamente o português, mas é preciso isso para vender camisolas??, questiona a jovem.

Contra o tempo

L e a sua prima Y, de 17 anos, marcaram encontro na biblioteca da Escola Básica 2+3 de Augusto Gil, no Porto, onde frequentam o 8º ano. Se pudessem seria aí que passariam os intervalos onde o ?barulho e a confusão? dominam. Frequentam a mesma escola desde o 5º ano, e dizem-se cada vez ?mais habituadas? ao ?desorganizado? sistema de ensino português.

A língua portuguesa já lhes deu mais dores de cabeça. ?Entender, entende-se, mas a escrita é mais difícil?, reflecte L. Com o 9º ano em vista, algo ?preocupa bastante? as alunas: o estarem, segundo as suas contas, três anos atrasadas em relação ao nível de ensino em que estariam na China. A pensar nisso, L lamenta que o sistema não permita ?saltar de ano? como acontece no ensino do seu país de origem: ?Há gente na China que com 15 anos já é alguém?. Ou seja, ?já acabou o curso?, acrescenta Y que gostaria de seguir a área de saúde e ser médica ou enfermeira. Mas algo no seu íntimo a impede de sonhar com isso.

Y sente-se ?velha de mais para ir para a universidade?. Optará, por isso, por um curso profissional. L segue o mesmo raciocínio: ?Tirar um curso universitário demora imenso tempo?. E os pais contam com ela para gerir o negócio que têm ligado ao comércio. Um facto a ter sempre em conta ainda que L esteja inclinada para seguir um curso profissional de Turismo. O tempo parece ser a condicionante das opções das jovens. Mas também as ideias de que ?o país tem falta de profissionais? e da existência de ?elevado desemprego entre os licenciados?. Cenários que levam L a uma conclusão: ?Se uma pessoa não tem sucesso após a universidade, não vale a pena frequentá-la!?

O ensino profissional parece ser o destino mais frequente dos alunos estrangeiros. Teresa Miranda, presidente do Conselho Executivo da Escola Básica 2+3 de Augusto Gil, confirma esta ideia ainda que esta situação lhe desagrade. Conhece bem os processos de L e Y, a escola recebe grande parte dos alunos oriundos da comunidade chinesa residente no Porto. ?Quando as alunas chegaram teriam idade para frequentar o 8º ano, mas como o poderiam fazer se não dominavam o português??, questiona. Foram, por isso, integradas no 5º ano. ? Não precisariam de retroceder tanto se estivessem durante um ano a aprender só português?, esclarece Teresa Miranda. E acrescenta: ?Isso bastaria para progredirem mais depressa?. A opinião é consensual. Uma vez dominada a língua as aprendizagens fazem-se a bom ritmo. No entanto, tardam as mudanças que poderiam permitir essa aceleração. Enquanto elas não ocorrem, Olga, L, Y vêem os anos a passar e continuam a luta contra o tempo. ?Como uma força??.